



## **Considerações sobre territorialidades infantis em um Centro para Crianças e Adolescentes (CCA) na zona leste da cidade de São Paulo**

Considerations on children's territorialities in a Center for Children and Adolescents (CCA) in the east side of the city of São Paulo

Consideraciones sobre las territorialidades de los niños en un Centro de Niños y Adolescentes (CCA) en el este de la ciudad de São Paulo

**Daniela Signorini Marcilio<sup>1</sup>**

*Coordenadora de projeto na Aliança pela Infância, São Paulo/SP, Brasil*

**Maria Letícia Nascimento<sup>2</sup>**

*Professora Associada, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, Brasil*

Recebido em: 22/02/2022

Aceito em: 03/05/2022

### **Resumo**

Este texto é um recorte de pesquisa de doutorado realizada em um Centro para Crianças e Adolescentes (CCA), localizado no Distrito Água Rasa, zona leste da cidade de São Paulo, instituição que oferece atividades fora do horário escolar, período denominado contraturno. Por meio da apresentação e análise de uma roda de conversa temática “Aqui não pode usar peruca!”, desenvolvida com um grupo de cinco (5) crianças que frequentam o espaço, busca-se apresentar o CCA, desenvolver os conceitos de territorialidades infantis e território lugar, e compreender aquele espaço, da forma como se apresenta. A Geografia da Infância é utilizada como referência teórico-metodológica para a análise.

**Palavras-chave:** Participação. Territorialidade. Infância.

### **Abstract**

This text is a part of a doctoral research carried out at a Center for Children and Adolescents (CCA), located in the Água Rasa District, east side of the city of São Paulo, an institution that offers activities outside school hours, a period called after school hours. Through the presentation and analysis of a thematic conversation circle “Here you cannot wear a wig!”, developed with a group of five (5) children who attend the space, we seek to present the CCA, develop the concepts of children's territorialities and place territory, and understand that space, as it presents itself. Childhood Geography is used as a theoretical-methodological reference for the analysis.

**Keywords:** Participation. Territoriality. Childhood.

<sup>1</sup> [daniela.signorini.marcilio@gmail.com](mailto:daniela.signorini.marcilio@gmail.com)

<sup>2</sup> [letician@usp.br](mailto:letician@usp.br)

## Resumen

Este texto es parte de una investigación de doctorado realizada en un Centro de Niños y Adolescentes (CCA), ubicado en el distrito de Água Rasa, lado este de la ciudad de São Paulo, institución que ofrece actividades fuera del horario escolar, período denominado después del horario escolar. A través de la presentación y análisis de un círculo de conversación temático “¡Aquí no puedes usar peluca!”, desarrollado con un grupo de cinco (5) niños que asisten al espacio, buscamos presentar el CCA, desarrollar los conceptos de territorialidad infantil y lugar territorio, y entender ese espacio, tal como se presenta. Se utiliza la Geografía de la Infancia como referente teórico-metodológico para el análisis.

**Palabras clave:** Participación. Territorialidad. Niñez.

## Introdução

A preocupação em entender melhor como as crianças participam no contraturno escolar é decorrente do que foi observado como organização delas durante suas brincadeiras e atividades em pesquisa anterior (MARCILIO, 2015) e dos estudos sobre participação realizados no âmbito do Grupo de Estudos Sociologia da Infância e Educação Infantil (GEPSEI). Nesta pesquisa, foi realizada uma investigação em uma unidade do Centro para Crianças e Adolescentes (CCA), localizada na Água Rasa, zona leste de São Paulo, a fim de compreender e problematizar quais são as possibilidades de participação oferecidas para as crianças e adolescentes que frequentam esses centros e identificar as formas dessa participação.

Importante destacar que, no texto, a participação é considerada como veículo do protagonismo e da agência de crianças e adolescentes (GAITAN MUÑOZ, 2015), no contraturno escolar, no território e na cidade, considerando as lentes da Geografia da Infância como importantes para visibilizar suas ações nesses diferentes espaços. Assim, para que se reconheça as crianças como sujeitos participantes, há que se considerar o espaço como uma dimensão significativa para tal reconhecimento.

O recorte apresenta um episódio, a roda de conversa denominada “Aqui não pode usar peruca!”, constituído por quatro meninas e um menino, realizada no cotidiano da instituição, para, em seguida, discutir o conceito de territorialidades infantis (LOPES; FERNANDES, 2018), e verificar se o espaço pode ser considerado um território lugar das crianças.

Segundo Lopes e Fernandes (2018), a infância acontece num amplo espaço de negociação marcado pela produção de culturas das crianças, de lugares destinados a elas e de suas territorialidades. O embate entre essas três dimensões cria uma configuração chamada de “territorialidades infantis”, conceito presente na análise.

---

3 Foi escolhida uma dentre as frases ditas pelas crianças e adolescentes, ao longo de cada roda de conversa, para identificá-las.

Nessa perspectiva, pretendemos, a partir do episódio, examinar se CCA pode ser ou não considerado um território lugar das crianças. Vamos localizar e apresentar a instituição, para, em seguida, trazer o cotidiano no qual acontecem as relações com os espaços e o que dizem as crianças sobre eles.

Os sujeitos da pesquisa são crianças da zona leste da cidade de São Paulo, que vão falar sobre ocupação e não ocupação dos espaços do CCA, o que constitui uma contribuição para reflexões sobre as infâncias do sul.

### **CCA: território lugar das crianças?**

Os Centros para Crianças e Adolescentes são um serviço conveniado à Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS), que atende crianças e adolescentes entre 6 e 14 anos em situação de vulnerabilidade social. De acordo com o Portal da SMADS<sup>4</sup>, seu objetivo é “Oferecer proteção social à criança e adolescente, em situação de vulnerabilidade e risco, por meio do desenvolvimento de suas potencialidades, bem como favorecer aquisições para a conquista da autonomia, protagonismo e cidadania, mediante o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários, incluindo a ampliação do universo cultural, acesso à tecnologia e à experimentação da participação na vida pública, visando ao protagonismo social.”

O CCA está localizado em área residencial, com acesso por meio de transporte público (ônibus), originário das estações Belém e Tatuapé do metrô, na zona leste de São Paulo. Fica no distrito da Água Rasa, limitando-se com os distritos Belém e Tatuapé, ao norte; Vila Formosa e São Lucas, a leste; Vila Prudente, ao sul; e Mooca, a oeste. Administrativamente, o distrito da Água Rasa faz parte da Subprefeitura da Mooca<sup>5</sup>, juntamente com o próprio distrito da Mooca e do Tatuapé, Belém, Pari e Brás, conforme a Figura 1, a seguir.

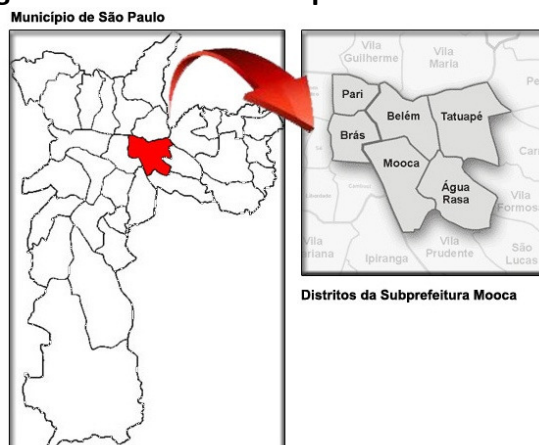
---

<sup>4</sup>[https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/assistencia\\_social/protecao\\_social\\_basica/index.php?p=159208](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/assistencia_social/protecao_social_basica/index.php?p=159208)

<sup>5</sup> A cidade de São Paulo é administrada a partir de 32 subprefeituras. Ver

<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/subprefeituras/index.php?p=8978>

**Figura 1 - Distritos da Subprefeitura da Mooca**



Fonte: Página Subprefeitura da Mooca (2021)6.

De acordo com dados da Prefeitura de São Paulo<sup>7</sup>, os distritos situados na Subprefeitura da Mooca ocupam área de trinta e cinco quilômetros quadrados, com população total de 343.980 mil habitantes, segundo o censo de 2010. Em 2017, a Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados – SEADE realizou uma projeção da população por faixa etária, apontando, para o contingente populacional da Água Rasa, a curto prazo, uma estimativa de que 15,34% de sua população será constituída por crianças e pré-adolescentes (zero a quatorze anos); 5,27%, de adolescentes (quinze a dezenove anos); 63,68%, de adultos (vinte a sessenta e quatro anos) e 15,69 %, de idosos (sessenta e cinco anos ou mais).

De acordo com o Plano de Trabalho do CCA, a participação é incentivada na vida cotidiana do território, de modo que sejam desenvolvidas competências para a compreensão crítica da realidade social e do mundo contemporâneo. São, assim, elaboradas propostas que permitam o reconhecimento da importância da participação comunitária, assim como o desenvolvimento de ações articuladas com os outros atores sociais locais que estimulem a mobilização das crianças e adolescentes e suas famílias, visando a uma ação integral e intersetorial. Nesse sentido, busca promover, em seu Plano, o acesso aos serviços das demais políticas públicas, em especial os que estão focados em educação, saúde, cultura, esporte e lazer, existentes no território,

As atividades propostas são organizadas em cinco categorias: alimentação, artes, jogos e brincadeiras, esportes/recreação/lazer e projetos. Em todas as atividades, o serviço procura

---

6 Mapa da Subprefeitura Mooca, elaborado pela Prefeitura da Cidade de São Paulo.

7 Dados demográficos dos distritos pertencentes às Subprefeituras, produzidos pela Secretaria Municipal de Subprefeituras, Prefeitura da Cidade de São Paulo.

desenvolver temas ligados a valores, família, *bullying*, higiene, saúde, ecologia e responsabilidade social. Em relação aos projetos, estes podem envolver temáticas como meio ambiente, socialização, direitos, deveres e temas de interesse público. No que se refere aos projetos na comunidade, pode-se trabalhar com cartografia, para o conhecimento do bairro e, assim, desenvolver ações afinadas com as características da comunidade.

O CCA conta com sete funcionários, todos trabalhando em regime de quarenta horas semanais: gerente de serviço II, orientador socioeducativo II, assistente técnico II, cozinheiro e agentes operacionais para o atendimento das 125 crianças matriculadas por ocasião da pesquisa. O orientador socioeducativo tem papel central, no que diz respeito à participação das crianças e dos adolescentes, uma vez que deve ser o elemento de ligação entre as sugestões, opiniões e olhares das crianças sobre o serviço, as atividades e o espaço.

A respeito do espaço, o andar térreo é composto por cozinha e refeitório, banheiros, sala da direção, armazém ou estoque, além de uma escada com acessibilidade para o primeiro andar. No primeiro andar existem quatro salas destinadas às atividades, ocupadas de acordo com a divisão entre a turma dos “menores” e a dos “maiores”, sendo três turmas pela manhã e duas à tarde. Seu horário de funcionamento é de segunda a sexta-feira, por um período de oito horas por dia, dividido em dois turnos de quatro horas. Cada orientador socioeducativo é responsável por uma turma, composta por cerca de trinta crianças ou adolescentes.

Em relação às experiências, este CCA busca ampliar o universo cultural, conhecimentos e novas habilidades de crianças e adolescentes, por meio de atividades direcionadas a esporte, lazer e expressão de manifestações culturais, compatíveis com cada faixa etária atendida. A partir do acompanhamento das vivências cotidianas de crianças pode-se compreender de que maneira eles ocupam desse lugar.

### **Participação, espaço e produção de culturas infantis**

Diversos autores (SARMENTO, 2006; CORSARO, 2009; LOPES; VASCONCELOS, 2006) identificam distintas condições materiais e simbólicas de produção de existência das crianças, nos lugares que ocupam, que levam à ideia de culturas infantis, indicando a pluralidade cultural existente na relação entre produção da infância e produção do lugar. Isto é,

Não podemos falar da existência de uma única cultura própria das crianças, mas sim de culturas infantis, caracterizando desse modo a pluralidade que lhes é inerente. Essa pluralidade se estabelece no entrelaçamento da produção da infância e da produção do lugar. Toda criança é criança de um lugar. Do mesmo modo, toda criança é criança em algum lugar (LOPES;

Fica claro, então, que há uma base territorial que fundamenta a produção das culturas infantis e cria o contexto no qual se constrói e se produz a infância. Nesse sentido, pode-se dizer que as territorialidades infantis são a base da produção das culturas infantis. Dessa forma, as crianças estabelecerão uma relação horizontal de identidade entre elas, e criarão uma relação vertical de identificação com os adultos, vivendo a infância como se pode, no interior da lógica da organização social.

É preciso indicar que espaços como o CCA foram criados em razão do processo de retirada das crianças da rua, isto é, no movimento de consolidação da família moderna, as ruas perderam o seu papel como espaço de socialização, e novas instituições surgiram para ocupar o seu lugar, dentre elas a casa e a escola. Esses ambientes vão constituir espaços construídos, em oposição ao espaço externo, e será neles que as crianças serão preparadas para a entrada no mundo adulto, perspectiva que gerou diversas limitações, como o confinamento e o distanciamento da vida social adulta. Nestes lugares, muitas vezes proteção se confunde com controle, e a liberdade de movimentos em espaços abertos só se torna possível com a presença de um adulto (LOPES; VASCONCELLOS, 2006, p. 118).

Para realizar seus objetivos gerais e específicos, o CCA promove diferentes atividades e intervenções com crianças e adolescentes – o que inclui crianças e adolescentes com deficiência, ou retirados do trabalho infantil ou submetidos a outras violações –, focalizando a construção de um espaço de convivência para a sua formação, considerando seus interesses, demandas e potencialidades. Sendo assim, as atividades e intervenções procuram se basear em experiências lúdicas, culturais e esportivas, uma vez que elas possibilitam a expressão, a interação e a aprendizagem de crianças e adolescentes. As atividades contribuem para ressignificar vivências de isolamento e de violação de direitos, bem como propiciar experiências favorecedoras do desenvolvimento de sociabilidades e na prevenção de situações de risco social. A ideia é que essas atividades sejam oferecidas enquanto a faixa etária atendida não está na escola regular.

Segundo a norma técnica de serviços socioassistenciais de proteção social básica, o planejamento das atividades deve ser um processo participativo, coletivo, grupal, com todos os envolvidos, como a equipe de organização formada pelos profissionais, os beneficiários da ação e suas famílias, além de parceiros do território. As ações devem ser flexíveis e construídas a partir das especificidades e realidade social dos sujeitos envolvidos; nesse sentido, as atividades procuram ser elaboradas a partir dos desejos, curiosidades e necessidades das crianças e adolescentes, mas também

dos educadores e da família, e devem ter como objetivo central o fortalecimento de vínculos afetivos e solidários, reconhecendo as potencialidades de todos os envolvidos<sup>8</sup>.

Foi exatamente nessa linha que as crianças propuseram mudanças, no espaço físico e/ou nas relações entre os sujeitos, de modo que seja possível construir e reconstruir os lugares que ocupam - especialmente a quadra, eleita como lugar de brincadeiras -, indicando, ainda, mudanças para que esse e outros espaços sejam mais inclusivos e utilizados por mais tempo. Esse embate entre os lugares destinados às crianças pelos adultos e as territorialidades elaboradas pela ação das crianças cria uma configuração chamada de “territorialidades infantis”, conceito apresentado por Lopes e Fernandes (2018).

### **A roda de conversa com o grupo “Aqui não pode usar peruca!”**

Desde o início da pesquisa, era comum a necessidade que as crianças tinham de falar sobre o que faziam no CCA, incluindo seus gostos e preferências com relação às atividades e à alimentação, além de como era o relacionamento com colegas e com as orientadoras socioeducativas. Contavam sobre brinquedos e brincadeiras favoritos, espaços bons e ruins para brincar, interesses e incômodos ali ou em outros contextos de suas vidas.

A escuta das crianças no contraturno foi possível a partir da participação de uma das pesquisadoras nas primeiras dinâmicas, jogos e brincadeiras, ação considerada como pré-requisito para a construção de vínculos afetivos com elas e para a aceitação e aproximação em suas atividades e nos espaços coletivos. Com esse propósito, foi criada uma relação respeitosa com os modos de ser das crianças, como pesquisadora adulta que se interessa pelo que pensam, desenham, escrevem e narram.

A partir das primeiras interações com as crianças e adolescentes, elas se revelaram pessoas muito interessadas no CCA, valorizando espaços, materiais, atividades e amizades, apresentando-se bastante preocupadas em seguir as regras do ambiente, apesar de criarem desvios na busca por mais diversão e prazer para as propostas ou, mesmo, para discordar de situações obrigatórias, como a lição.

Depois das etapas que envolveram observação, brincadeiras e entrevistas com e entre as crianças, foram propostas rodas de conversas para aprofundar alguns temas trazidos por elas. Foram feitos convites para todas as turmas participarem das rodas temáticas sobre mudanças desejadas no CCA, nos quais se informou que essa nova etapa aconteceria em grupos menores, com quatro ou cinco

---

<sup>8</sup> Ver PREFEITURA DE SÃO PAULO. Norma Técnica de Serviços Socioassistenciais de Proteção Social Básica (2012).

pessoas, formados e escolhidos por elas.

As rodas pretenderam focalizar as mudanças no CCA, procurando discutir com as crianças alguns dos aspectos levantados durante a etapa anterior, captando suas ideias e sugestões para as mudanças que gostariam de fazer no espaço. De modo geral, os grupos animaram-se com a proposta, por ser algo novo, dentro e fora daquele contexto, ou seja, até então nunca haviam tido a oportunidade de participar de rodas de conversas. Esse método foi escolhido justamente por oferecer um espaço de diálogo mais acolhedor, permitindo esmiuçar questões como usar o celular, aumentar o tempo de quadra, diversificar atividades e materiais, fazer a lição de casa, por exemplo. As rodas também foram escolhidas para oportunizar a participação daquelas e daqueles que, até o momento, não haviam tido condições de se envolver nesta pesquisa.

Foi alto o índice de participação das crianças e dos adolescentes nessa etapa, principalmente entre as turmas dos menores. Com relação à turma dos maiores, foi preciso incentivo mais intensivo por parte das orientadoras socioeducativas, para que houvesse adesão. Dentre as 30 rodas realizadas, nove chamaram a atenção pela forma como se colocaram diante das temáticas abordadas, ao proporem soluções criativas para mudar a configuração e a ocupação dos espaços, reorganizar os passeios externos e as atividades internas, alavancar mais recursos e ampliar o atendimento do centro, incluir a participação tanto das crianças menores quanto das maiores, bem como de crianças da creche e da comunidade, e quais são as estratégias que o próprio grupo infantil tem encontrado para brincar.

A roda de conversa escolhida dentre as nove (9) desenvolvidas na pesquisa, “Aqui não pode usar peruca!” deixa claro que as ideias e sugestões das crianças ficam invisíveis diante da presença de adultos no CCA, embora elas estejam o tempo todo pensando e criando formas de se relacionar com e naquele espaço. Também demonstraram que estão preocupadas com a falta de uso de alguns materiais como tintas e livros.

Nesse grupo, composto por Rosana<sup>9</sup> (8), Ingrid (7), Marilena (8), Eliana (7) e Rodolfo (10), foi discutida a ampliação das salas e da quadra.

Ingrid (7): “A gente pode quebrar as paredes e aí fazer mais chão daquele e montar outra parede para ficar, né, grande”.

Ingrid, que participou ativamente dessa roda, sugeriu que a quadra fosse grande e que tivesse espaço tanto para os meninos jogarem bola, quanto para as meninas brincarem. A quadra é sinônimo

---

<sup>9</sup> Os nomes aqui inseridos são fictícios para preservar as crianças e os adolescentes do risco de possíveis consequências de denunciarem problemas e de realizarem críticas ao serviço.



de brincar livre, contudo, é espaço exclusivo para o futebol, jogado majoritariamente por meninos, como uma de suas atividades preferidas, e eles, mesmo debaixo de muito sol e com poucos colegas dispostos a jogar, estabelecem desafios em duplas ou quartetos. Acrescentou

Ingrid (7): “Eles [meninos] são animados porque eles têm bastante espaço pra jogar e a gente [meninas] é um pouquinho triste porque a gente não tem muito espaço”.

Rodolfo, o único menino do grupo já estava no local onde aconteceu a roda quando cheguei com o grupo de meninas e, interessando-se pela roda de conversa, teceu comentários e opiniões, mesmo sem o convite delas. Ouvindo as falas das colegas, sugeriu medir e dividir a quadra com uma rede, além de acrescentar marcas no chão e traves do gol. Apontou que, por ter as marcas apagadas, os meninos nunca sabem se fizeram gol.

**Figura 2 - Quadra do CCA**



Fonte: Acervo das pesquisadoras (2019).

As meninas foram até a quadra para mostrar onde e como é feita a divisão não igualitária em dois espaços. Eliana explicou que elas já tentaram trocar os espaços da quadra com os meninos, que se negam, por se tratar do espaço do futebol, que ocupa a maior parte da quadra, com a aprovação e consentimento das orientadoras. Ela comentou que esse fato é um pouco triste, porque as meninas acabam ficando sem espaço brincar, já que ocupam apenas o pequeno espaço que sobra, a miniquadra.

**Figura 3 - Miniquadra**



Fonte: Acervo das pesquisadoras (2019).

Enquanto estávamos na quadra, Eliana sugeriu fazer uma divisão equilibrada entre as áreas que podem ser usadas tanto pelos meninos quanto pelas meninas, e que a rede, sugerida por Rodolfo, poderia dividir o terreno em duas partes iguais, dessa forma criando duas quadras. Portanto, seria uma divisão diferente daquela que já é feita pelas crianças com aval das orientadoras. Diferentemente de suas colegas, Rosana sugeriu diversificar as atividades, por exemplo, brincar de queimada, fazendo time das meninas contra os meninos, ou brincar de cabo de guerra, incluindo os meninos nas propostas de brincadeiras.

Eliana comentou, iniciando outro ponto da conversa, que as tintas que estão na sala de artes nunca foram utilizadas pelas crianças. Sobre esse novo tema, Rodolfo sugeriu que se poderia ser criada uma aula de Artes.

**Figura 4 - Sala de artes do CCA**



Fonte: Acervo das pesquisadoras (2019).

Fomos até lá e as crianças mostraram para a câmera fotográfica as tintas, a purpurina e os livros, explicando que podem utilizar esses materiais na aula de Artes. A sala de artes se confunde com a da

coordenação pedagógica, porque é ocupada, na maior parte do tempo, pela coordenadora pedagógica. Essa sala é a única que apresenta espelho, fantasias, livros e materiais de artes, além de ser o ambiente que se conecta à quadra. Nesses dois ambientes acontecem as brincadeiras conduzidas pelas crianças, dentre elas o futebol, o vôlei, a queimada, as cordas, o pega-pega, os jogos de regras, além de brincadeiras com fantasias.

Sobre os livros, Rodolfo comentou que aqueles que estão de “castigo”<sup>10</sup> podem ler, porém, quando vão brincar na quadra, as orientadoras não deixam pegar os livros. Ele sugeriu que as crianças possam ler os livros quando vão à quadra ou, então, às terças-feiras dia reservado para atividades dirigidas. Antes de deixar a sala, ele acrescentou que, antigamente, as crianças tinham aulas de Artes e de Informática no CCA. A conversa prosseguiu apenas com as meninas, que também falaram sobre os livros, os instrumentos da capoeira e os brinquedos presentes naquela sala. Saímos outra vez para a parte externa, a quadra, onde retomaram as ideias para a divisão equilibrada do espaço. A sugestão das crianças parecia uma alteração simples e plenamente possível.

Em seguida, as meninas retornaram à sala de artes, vestiram alguns acessórios no cantinho das fantasias, dentre eles perucas, voltaram para a quadra e disseram, com muitas risadas e dancinhas, “aqui não pode usar peruca!”.

Cabe destacar que, em outra ocasião, levamos a uma coordenadora do CAA as ideias de Rodolfo e Eliana, e ela entendeu que as ideias eram das pesquisadoras e não das crianças.

### **As territorialidades infantis no CCA**

Uma vez que as crianças e adolescentes aprendem o espaço em suas escalas vivenciais, a partir de seus pares, do mundo adulto e da sociedade em que vivem, a prática espacial é traduzida por um território lugar. Nele, por exemplo, podem ser observados tanto processos de reconhecimento do sentimento de identidade e de pertença ao espaço, quanto processos contrários, de negação e subversão da ordem preexistente. Do território lugar também é possível identificar a recriação do espaço pelas crianças, a partir dos artefatos presentes, como situações, objetos e nomeações, reconhecendo a produção feita por elas de uma espacialidade não existente no espaço; entender a

---

<sup>10</sup> O “castigo” é o nome que o grupo infantil atribui para o tipo de orientação que as crianças e adolescentes envolvidos em algum problema de comportamento recebem das educadoras. A depender da gravidade da “bagunça”, as pessoas envolvidas são orientadas a permanecer por um tempo na sala da coordenadora pedagógica, ou são encaminhadas para a sala da direção, também conhecida por “sala da diretora”. Esses momentos são descritos pelo grupo infantil como “castigo”, já os adolescentes preferem os termos “descanso” ou “fazer nada”.

vivência de múltiplas possibilidades espaciais pelas crianças, seja de conformidade ou subversão, e tornar visível a autoria da criança no espaço, o que está sempre presente.

Outros aspectos relacionados ao território lugar são o conhecimento de comunidade pela criança, no espaço, traduzido na vivência desse espaço, com interação e intensidade, e não apenas como lugar de passagem ou paralisação. Desse modo, pode-se dizer que as interações entre as crianças e os lugares estão carregadas de sentido, bem como estão mediadas pelos demais sujeitos que ocupam o lugar, fato que pode criar diferentes tensões entre a singularidade do indivíduo e o arranjo social do coletivo.

A ocupação dos espaços foi tema bastante discutido pelos grupos de crianças que participaram desta investigação. Como gostam de brincar, reconhecem a quadra como lugar para essa prática, sendo que existem dois dias reservados para isso: as segundas-feiras, para brincadeiras dirigidas, e as quintas-feiras, para brincadeiras livres. Mas as crianças parecem considerar que só as quintas-feiras são os dias de brincar, porque podem usar a quadra com menor interferência das orientadoras. Contudo, acrescentaram que, ainda assim, esse brincar não é livre para todos e todas. Foi possível identificar relações, a depender do gênero e da idade das crianças. No primeiro caso, as meninas são empurradas pelos meninos para jogarem no espaço que sobra da quadra; no segundo, as crianças pequenas frequentemente são excluídas pela maneira como brincam.

Lopes e Vasconcellos (2006) apontam que os sujeitos presentes no espaço tendem a incorporar suas dimensões, vivendo de acordo com redes de significado nelas construídas. Tais redes, pois, parecem associar a quadra a atividades específicas, como o futebol, e a formas de correção do comportamento das crianças, como impedimentos de uso, quando “são marcadas”. As interações entre sujeitos e lugares ocorrem por uma relação coberta de sentido, mediada pelos demais sujeitos que os ocupam; contudo, as crianças estabeleceram novos sentidos para a quadra, como espaço potencial para inclusão das meninas.

Moosa-Mitha (2019) considera que a natureza co-constitutiva do espaço, assim como da identidade, depende do entendimento de que nenhum dos dois é fixo e natural, e que as identidades são marcadas por formações e negociações, muitas vezes de natureza política, sendo a espacialidade uma dimensão dessas lutas e processos. Porém, para a autora, a subjetividade política não é um conceito abstrato, ao contrário, é baseado no espaço material e localizável; desse modo, pode-se afirmar que a identidade, assim como o espaço, não é fixa nem natural, como se disse, mas é marcada por formações políticas, dentre elas, o modo como se compreende a infância.

Considerando o CCA analisado nesta pesquisa, o espaço pode ser marcado por várias dimensões que são resultado de distintas interrelações entre os sujeitos ali presentes, capazes de criar, ao mesmo tempo, tanto lugares de apropriação criativa, por meio do brincar, quanto territórios de fronteira, por meio de ações punitivas, nesse caso, direcionadas às crianças e adolescentes. Isto é, no mesmo lugar da espontaneidade, podem ser criadas fronteiras bem delimitadas, a partir, por exemplo, da separação física do espaço por gênero ou por atividades direcionadas. Assim, observa-se que espaços específicos destinados ao grupo infantil podem ser considerados alienantes, diante de certo estranhamento das crianças, estrangeiras em um espaço no qual não poderiam escolher as melhores formas, momentos e possibilidades de participação e ocupação, o que interfere diretamente em seu direito à cidade.

Cabe destacar que mesmo diante de práticas impositivas e excludentes, como priorizar a atividade reforço escolar, designar o “castigo”, ou registrar o nome de quem resiste a alguma proposta num livro destinado a essa função, que interferem diretamente na criação de laços de identificação com o espaço, observa-se que as crianças têm a preocupação de recriar esses espaços, a partir de seus interesses e necessidades. Segundo Santos (2006), não existe território sem a identidade, que é construída pelas relações sociais. Ao se defrontarem com um espaço que não ajudaram a criar ou que não puderam escolher - que seriam as melhores formas de participar e ocupar -, esse lugar torna-se fonte de alienação para os sujeitos.

As dimensões dos espaços do contraturno são resultantes de distintas inter-relações entre os sujeitos ali presentes, capazes de criar, simultaneamente, lugares de apropriação criativa, pelo brincar, e territórios de fronteira, por ações direcionadas ou restritivas. Dito de outro modo, as crianças produzem repertórios de práticas, individuais e coletivas que, em contato com as lógicas cotidianas do ambiente socioeducativo, alteram a forma de ocupação desses espaços.

Tal como propõem Lopes e Vasconcellos (2006), o conceito de lugar agrega-se ao de cultura. Para além de identificar espaços ocupados por crianças, foi importante desenvolver o olhar para o lugar das culturas infantis, nos espaços que ocupam e que não ocupam, dentro do contraturno, onde se revela a ação do grupo infantil, práticas de participação, cooperação, conflito, espontaneidade, criatividade ou, mesmo, de fronteiras delimitadas.

As crianças querem mudanças, que incluem reforma, pintura, cobertura, divisão e ampliação de espaços já existentes, assim como a criação de novos ambientes, para atividades e brincadeiras. Para equilibrar a ocupação da quadra entre meninos e meninas, sugeriram dividi-la com uma rede e/ou por meio de sinalização no chão e, a fim de ocupá-la por mais tempo, reivindicam uma cobertura, para

proteção do sol e das alterações climáticas.

**Figura 5 - A caminho da quadra**



Fonte: Acervo das pesquisadoras (2019).

Segundo Lopes e Vasconcellos (2006), ao mesmo tempo em que o lugar é formado por ações condicionadas, é também condição das mais diversas expressões da espontaneidade, da criatividade, do brincar e da participação. Por isso, ao observar os espaços ocupados pelas crianças, foi possível identificar práticas de participação, cooperação, conflito, espontaneidade, criatividade ou, mesmo, de fronteiras delimitadas, como uma lente de aumento sob sua ação no contraturno. A quadra e a sala de artes são exemplos de territorialidades infantis, pois nesses lugares as crianças escolhem suas formas de jogo, de brincadeira, de conflito e, inclusive, de pensar mudanças e melhorias para esses mesmos territórios.

### **Considerações finais**

A pesquisa buscou investigar o CCA como um espaço de contraturno escolar, problematizando, por um lado, o que é oferecido em termos de possibilidades de participação para o grupo infantil de seis a quatorze anos e onze meses, fora do tempo escolar e, de outro, identificando quais são as formas de participação promovidas ali. As crianças e os adolescentes apresentaram o cotidiano do lugar, o que possibilitou identificar seus aspectos lúdicos; seus sujeitos e os contextos econômicos, sociais e culturais além das relações entre elas e entre elas e os adultos, o espaço e suas formas de participação.

No CCA foram observados tanto processos de identidade e de pertença ao espaço pelas crianças quanto de negação e subversão da ordem preexistente. Segundo Lopes e Vasconcelos (2006), no

território lugar também é possível identificar múltiplas possibilidades espaciais criadas por elas, seja de conformidade, seja de subversão, e com sua autoria, isto é, são variadas e complexas as tensões e singularidades das pessoas ali presentes, principalmente em termos de fronteiras entre grupos dos meninos e das meninas presentes na quadra. Além disso, no mesmo lugar da espontaneidade, podem ser estabelecidas fronteiras bem delimitadas, a partir da criação de “cantinhos do castigo” ou de atividades direcionadas ao reforço escolar. Dito de outro modo, as crianças e os adolescentes produzem repertórios de práticas, individuais e coletivas que, em contato com as lógicas cotidianas do ambiente socioeducativo, alteram a forma de ocupação desses espaços. Isso ficou evidente, quando improvisaram e disfarçaram brincadeiras, no mesmo espaço onde fazem, no momento, a lição.

Esses aspectos ajudaram a construir com os grupos infantis um novo olhar sobre o CCA, por meio do confronto com o seu cotidiano e, ao mesmo tempo, buscando possibilidades de mudanças efetivas. Isto é, as crianças encontram possibilidades de interação e intensidade no uso de seus tempos e espaços, um uso com significado próprio e mediado pelos demais sujeitos ali presentes, fortalecendo, assim, a produção de suas culturas, as culturas infantis.

A análise da roda mostrou que é necessário repensar a ocupação dos espaços e a participação dos sujeitos, alinhando ainda mais os interesses e necessidades do grupo infantil com os objetivos do Projeto do CCA. Ainda que consulte as crianças e os adolescentes para a escolha dos temas das atividades, no projeto anual, o faz por meio de um sistema de votação, e as sugestões ao longo do ano podem ser apresentadas em uma caixa com essa finalidade. Durante as rodas de conversas, as crianças e os adolescentes relataram que esse sistema não consegue englobar os interesses e as necessidades da maioria, e acaba privilegiando grupos dos maiores, as turmas da tarde e as crianças mais comportadas.

Participar dessas mudanças no contraturno contribui para ampliar o poder das crianças e dos adolescentes, em relação à sociedade como um todo, garantindo a legitimidade e o impacto social do protagonismo infantil em todos os lugares. Muitos integrantes dos grupos expressaram que não há espaço para outras formas de participação, além das caixas de sugestões, assim como são insuficientes os momentos de discussão e negociação sobre algumas situações do cotidiano, como a predominância de atividades preparadas, organizadas e dirigidas por um ou mais adultos, com um número reduzido de brincadeiras livres, isto é, práticas escolhidas, ordenadas e conduzidas pelo grupo infantil.

Além disso, a maior parte delas disse nunca ter participado de uma roda de conversa antes, salvo em algumas situações nas suas escolas. Foi nelas que, por exemplo, as crianças e os adolescentes estabeleceram novos sentidos para a quadra, como espaço potencial para inclusão das meninas, das

crianças da creche e da comunidade.

Ao localizar as experiências cotidianas das crianças e dos adolescentes desse contraturno, observa-se que elas estão buscando um dia a dia mais espontâneo, lúdico e poético, além de mais participativo. Com Sarmiento (2006) e Corsaro (2009) foi possível compreender que as crianças recriam os mundos culturais adultos do CCA, isto é, das lições e das brincadeiras dirigidas, por meio das brincadeiras e jogos que estabelecem com seus pares, encontrando, assim, formas de participar, no entrecruzamento de suas próprias culturas com a dos adultos.

## Referências

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. **Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais**. Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS), Reimpressão, 2014. Disponível em <[https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia\\_social/Normativas/tipificacao.pdf](https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Normativas/tipificacao.pdf)> Acesso em: 18 jun. de 2019.

CORSARO, William. Peer Culture. *In*: QVORTRUP, Jens; CORSARO, William; HONIG, Michael-Sebastian. **The Palgrave Handbook of Childhood Studies**. England: Macmillan Publishers Limited, 2009. p. 301-315.

GAITÁN MUÑOZ, Lourdes. Protagonismo em la infancia, o la participación de los niños em los procesos de intervención social. **Servicios Sociales y Política Social**, v. 107, p. 25-39, 2015.

LOPES, Jader Janer Moreira; FERNANDES, Maria Lidia Bueno. A criança e a cidade: contribuições da Geografia da Infância. **Educação**, Porto Alegre, v. 41, n.2, p. 202-211, 2018.

LOPES, Jader Janer Moreira; VASCONCELLOS, Tânia de. Geografia da Infância: territorialidades infantis. **Currículo sem Fronteiras**, v. 6, n. 1, p. 103-127, 2006.

MARCILIO, Daniela S. **Brincadeiras infantis no município de São Paulo: Penha e Cangaíba entre o passado e o presente**. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais). Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, 2015.

MOOSA-MITHA, Mehmoona. Political Geography of the “Best Interest of the Child”. *In*: SKELTON, Tracey; AITKEN, Stuart Campbell. **Establishing Geographies of Children and Young people: geographies of children and young people: v.1**. Singapore: springer reference: National University of Singapore, 2019. p. 295-314.

SÃO PAULO (cidade). Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social. **Centro para crianças e adolescentes (CCA)**. Disponível em: <[https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/assistencia\\_social/protecao\\_social\\_basica/index.php?p=159208](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/assistencia_social/protecao_social_basica/index.php?p=159208)>. Acesso em: 15 mar. 2021.



SÃO PAULO (cidade). Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social. **Norma técnica de serviços socioassistenciais de proteção social básica**. Disponível em: <[http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/assistencia\\_social/arquivos/norma\\_tecnica.pdf](http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/assistencia_social/arquivos/norma_tecnica.pdf)>. Acesso em: 07 jun. 2018.

SÃO PAULO (cidade). Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social. **Proteção social básica**. Disponível em: <[http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/assistencia\\_social/protecao\\_social\\_basica/](http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/assistencia_social/protecao_social_basica/)>. Acesso em: 07 jun. 2018.

SÃO PAULO (cidade). Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social. **Relatório de análise de ofertas de serviços socioassistenciais: serviços de convivência e fortalecimento de vínculos nas modalidades Centro para Crianças e Adolescentes e Centro para Juventude**. Coordenadoria do Observatório de Políticas Sociais, 2017. Disponível em [https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/00-publicacao\\_de\\_editais/pesquisa2017.pdf](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/00-publicacao_de_editais/pesquisa2017.pdf) Acesso em: 07 jun. 2018.

SÃO PAULO (cidade). Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social. **Relatório: análise de vulnerabilidade e risco de crianças de 0 a 14 anos para planejamento de ações**. Supervisão de pesquisa e georreferenciamento, 2017. Disponível em <[https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/assistencia\\_social/documentos%20ju/Relat%C3%B3rio%20Prioridades%20a%2014%20anos%20e%2011%20meses.pdf](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/assistencia_social/documentos%20ju/Relat%C3%B3rio%20Prioridades%20a%2014%20anos%20e%2011%20meses.pdf)> Acesso em: 07 jun. 2018.

SÃO PAULO (cidade). Secretaria das Subprefeituras. **Dados demográficos dos distritos pertencentes às Subprefeituras**. Disponível em: <[https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/subprefeituras/dados\\_demograficos/index.php?p=12758](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/subprefeituras/dados_demograficos/index.php?p=12758)>. Acesso em: 15 mar. 2021.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Mapa de Conceitos na área de estudos da Sociologia da Infância. **Zero-a-Seis**, v. 8, n. 14, jul./dez. 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/1910> . Acesso em: 18 jun. de 2019.